

Câmbio liberado no Brasil leva pânico à Argentina

Buenos Aires - Efeito caipirinha, efeito Itamar, Samba, Pão-de-queijo ou Efeito Banana. Muitos nomes dados pelos argentinos para a crise brasileira, mas que expressam poucos mas intensos temores: queda nas exportações, invasão de produtos brasileiros, recessão. Analistas e empresários consideram que ficarão longe os dias de 1995, quando o saldo comercial da Argentina com o Brasil chegou a US\$ 1,48 bilhão de dólares.

No ano passado, já havia caído para ao redor de US\$ 590 milhões. E neste ano, a balança poderá se inverter e o Brasil terá pela primeira vez desde 1994 um saldo favorável em seu comércio com a Argentina. Os produtos "Made in Brazil", em média 20% mais baratos do que dez dias atrás, poderão encher as prateleiras argentinas nos próximos meses.

Os industriais do país, reunidos na União da Indústria Argentina (UIA) suspenderam

suas férias na uruguaia Punta del Este e voltaram às pressas para Buenos Aires. Nesta segunda-feira (18), eles se reunirão com o ministro da Economia, Roque Fernández, a quem entregarão um documento onde pedem que o governo aplique uma série de medidas para compensar os prováveis efeitos negativos da desvalorização do real causará na economia argentina.

O argumento da UIA é que o Brasil alterou as regras do jogo e que por isso pagará caro. Entre as medidas propostas estão o aumento temporário para 5% ou 10% das taxas alfandegárias para produtos brasileiros. Além disso, os industriais querem que se torne mais rígido o controle sobre prováveis casos de dumping.

Além do Ministério da Economia, nesta segunda-feira, a Chancelaria também será palco de diversas reuniões entre o governo e os empresários. Na quarta-feira, o secretário de

Relações Econômicas Internacionais, Jorge Campbell, desembarcará em Brasília para analisar com integrantes do governo brasileiro o futuro do Mercosul, que acaba de entrar no último ano antes da abertura do livre comércio, programada - por enquanto - para começar no dia primeiro de janeiro de 2000.

O governo insiste em aparentar uma tranquilidade que já beira o patético e sustenta que o impacto da crise brasileira na economia argentina não seria maior do que 1% do PIB. Integrantes do governo, como o secretário de Programação Econômica Rogelio Frigerio, argumentam que a crise brasileira "não vai impactar a Argentina mais do que os outros países do mundo". Além disso, consideram que as exportações argentinas não encontrarão problemas para serem remanejadas, já que são basicamente commodities e que "a médio prazo encontrarão novos nichos de mercado".